

TOMÁS PACHECO DA ROSA, O FAROLEIRO CIENTISTA

MAR NAVARRO LLOMBART

ERA QUINTA-FEIRA 3 DE FEVEREIRO de 1971 quando “Os Montanheiros - Sociedade de Exploração Espeleológica” aprovava mais um elemento no seu grupo: o sócio número 393, Tomás Pacheco da Rosa.

Com o passar do tempo o seu número de sócio mudou para o 237 e mais tarde para 147, quando passou do arquivo de sócios vivos para o arquivo dos falecidos.

OS MONTANHEIROS	
S. E. E. SÉDE: RUA DE S. JOÃO ANGRA DO HEROÍSMO ILHA TERCEIRA ACORES H	
	
SÓCIO N.º 393 <u>147</u>	
NOME	Tomás Pacheco da Rosa
DATA DE NASCIMENTO	
NATURALIDADE	FREGUESIA CONCELHO DISTRITO
ESTADO	
PROFISSÃO	
LOCAL DE TRABALHO	
LOCAL DA COBRANÇA	Rua Rainha D. Amélia
MORADA	
SÓCIO PROPONENTE	Manuel Aguiar Silva
APROVADO	31 Fev 1971
A DIRECÇÃO	Luiz Rafael Azevedo
OBSERVAÇÕES	

O sócio que o propôs nessa altura foi Manuel Aguiar Silva, sócio fundador dos Montanheiros e pessoa muito ativa nas atividades e expedições da mesma, que provavelmente terá conhecido pessoalmente Tomás Pacheco. A ficha foi assinada pelo então presidente da associação Luiz Rafael Azevedo e o local de cobrança da quota de sócio era a Rua Rainha Dona Amélia número 30, rua onde Tomás Pacheco tinha o seu próprio negócio: uma loja de venda e reparação de máquinas de escrita e material de escritório chamada “Rosarte”.

Na fotografia da ficha de sócio Pacheco parece ostentar nela como que um subtil sorriso de Gioconda, enquanto o tronco virado para a sua direita sustenta um olhar perdido no infinito. É esta mesma foto que aparece no seu cartão de sócio.

Esta fotografia é o que resta da lembrança gráfica de Pacheco nos Montanheiros. Embora sócio desde 1971, nunca participou ativamente nas práticas dos Montanheiros, sendo esta provavelmente a razão pela qual não foram encontradas fotografias dele com os outros elementos da associação.

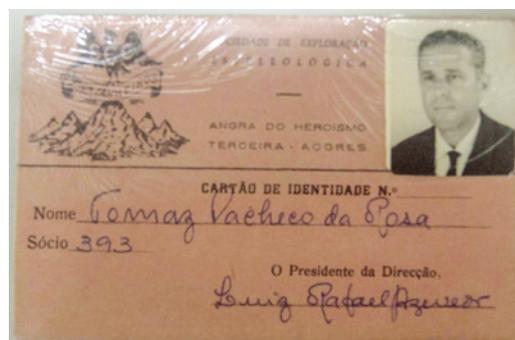
Temos na nossa frente a fotografia dum homem que distinguiu-se por ser um dos que eu batizei como “Os fotógrafos do vulcão”.

O tenente-coronel e o faroleiro

É provável que a razão pela qual Pacheco foi sócio da associação Os Montanheiros fosse o facto de sentir admiração e manter uma relação cordial com o tenente-coronel José Agostinho, um dos mais importantes colaboradores da mesma.

Calcula-se que foi por volta de 1957 que Pacheco e o tenente-coronel Agostinho se conheceram, ou pelo menos terá sido nessa altura que Agostinho soube da sua existência. Nessa altura Tomás Pacheco da Rosa era faroleiro de 3ª categoria e funcionário do farol dos Capelinhos na ilha do Faial.

Pelo seu interesse e dedicação logo no início da erupção, Pacheco foi nomeado e designado pelo governo português como vigia oficial do vulcão. O tenente-coronel era nessa altura o Chefe da Divisão Regional dos Açores do Serviço Meteorológico Nacional e, como grande apaixonado e estudioso dos fenómenos sísmicos e vulcânicos das ilhas que era, esteve ligado a esta erupção desde o início.



Cartão de sócio da associação Os Montanheiros.



Vigia e fotógrafo

O papel de vigia de Pacheco consistia principalmente em duas funções. A primeira era guiar e acompanhar pelas terras do vulcão todos aqueles cientistas, vulcanólogos e especialistas que até ali chegavam com o objetivo de estudar o fenómeno. Tomás era um dos máximos conhecedores desse pedaço de terra porque além de ser faroleiro no Farol da Ponta dos Capelinhos, era natural da freguesia do Capelo, a mais próxima da erupção e desde criança sempre havia estado familiarizado com essas terras e com o mar à volta delas. A segunda das funções que o Pacheco exercia como vigia do vulcão era a de fotografar, registrar e documentar diariamente para os Serviços Geológicos de Portugal o fenómeno e as suas consequências mais visíveis. Esta tarefa foi-lhe encarregue não só por ser conhecedor do vulcão, mas também por ser conhecedor da técnica fotográfica. Tomás Pacheco já possuía conhecimentos fotográficos nessa altura, de facto a fotografia era um dos seus passatem-



SERVIÇOS GEOLÓGICOS			
Autor: <u>PACHECO - Tomás</u>	Rolo 36 m/m	N.º	
<u>Portugal - Alentejo</u>	Envelope	× N.º	FOTO N.º 1354
<u>Faial - Capelinhos</u>	Negativo	N.º	
<u>VULCÃO DOS CAPELINHOS (0)</u>			
Foto publicada em 19 <u>TOMO</u> MEMÓRIA Est. Fig.			
<u>Atividade estromboliana. (1998)</u>			
MOD. 90 - 88 0			

Fotografias realizadas pelo T. Pacheco para os Serviços Geológicos de Portugal. Imagens cedidas por José Manuel Medina Garcia.

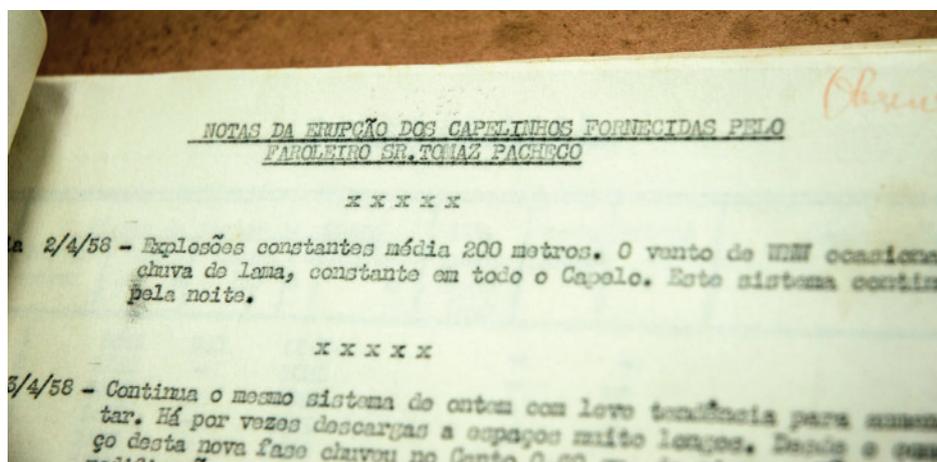
Tomás Pacheco a fotografar uma explosão de tipo estromboliano. Fotografia de autor desconhecido, publicada no livro *O Ano do Vulcão* de Carlos Lobão.



Vulcão dos Capelinhos. Ponto de queda de uma bomba vulcânica.



Vulcão dos Capelinhos. Blocos desabados na estrada durante o macrosismo de maio de 1958.



Pormenor das observações de T. Pacheco.

pos, e quase todos nessa altura se lembram dele com a máquina fotográfica pendurada ao pescoço. Tomás Pacheco da Rosa não só realizava fotografias como também tinha em casa o seu próprio quarto escuro onde as revelava.

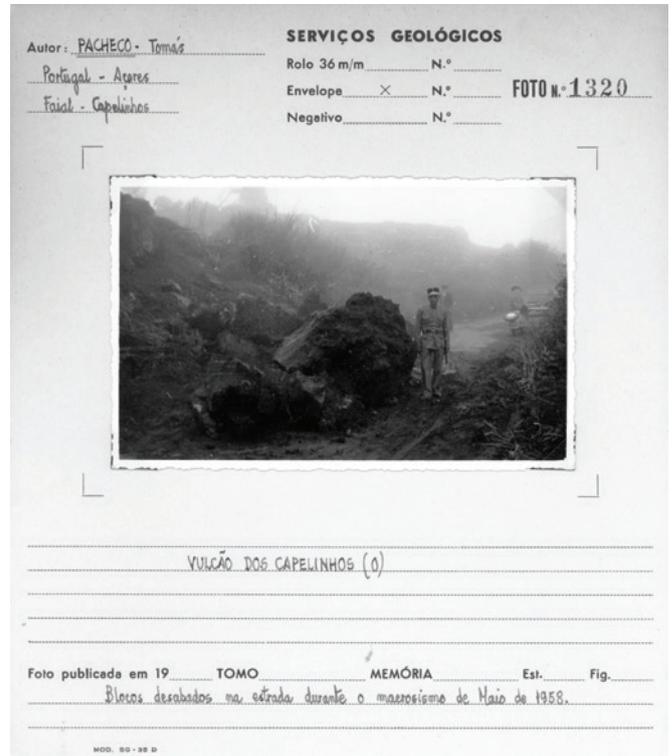
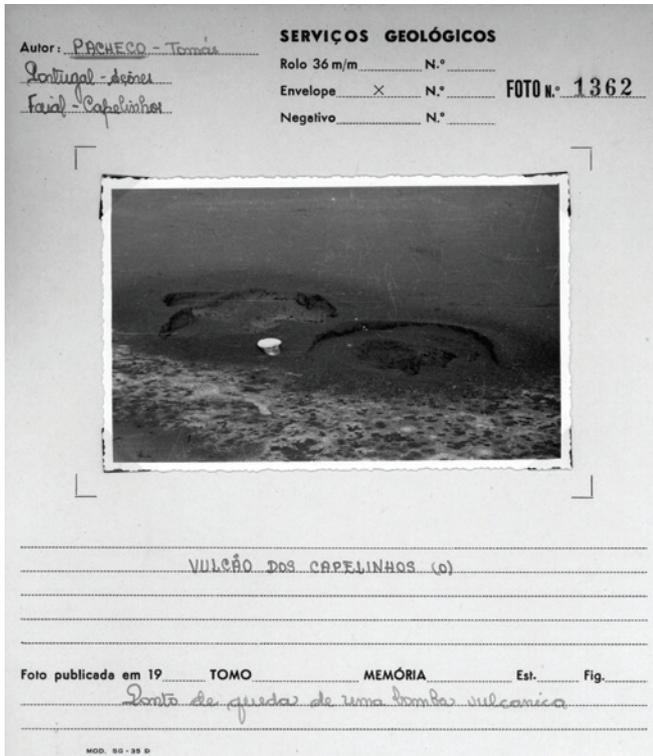
Dizem que Tomás Pacheco fotografou o vulcão dos Capelinhos como se estivesse a fotografar a sua própria família. De facto, de todas aquelas imagens que tirou ao longo da erupção e que permaneceram intactas, são os autorretratos onde aparece junto às suas filhas integradas na paisagem as que mais chamaram a minha atenção.

Fotografia familiar no vulcão: retratos quotidianos que se convertem em imagens excepcionais, num tempo e num espaço únicos. Um fenómeno fotográfico digno de estudo no qual participaram várias famílias do arquipélago que visitavam com as suas câmaras fotográficas o local ao longo dos 13 meses de atividade vulcânica.

Uma memória debaixo das cinzas

No Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, debaixo das cinzas do vulcão, há uma fotografia do rosto do Tomás Pacheco. A imagem está acompanhada de um texto biográfico que diz o seguinte:

"Nasceu no Capelo a 22 de Fevereiro de 1923. Foi faroleiro de profissão e exercia a sua função quando rebentou o Vulcão dos Capelinhos, tendo acompanhado toda a sua evolução. Pela sua acção e coragem foi apelidado de "cientista do vulcão". Enquanto as pessoas aterrorizadas fugiam, permaneceu no posto, atento às necessidades de fazer funcionar o sinal. Dizem ter feito uma colher de ferro com um grande cabo para chegar à lava que ia correndo até ao mar e como lembrança do vulcão metia uma moeda na lava incandescente que arrefeceu no mar e depois vendia. A pedido de diversos subia à torre do farol com 6 ou 7 máquinas de fotografar ao ombro para retratar o vulcão. Era um autodidacta e desempenhou na freguesia do Capelo um papel importante no campo musical. Foi mestre da capela da igreja e mestre da tuna



que foi criada a seguir à erupção do vulcão. Foi ainda regente da Filarmónica Euterpe de Castelo Branco. Tocava vários instrumentos e gostava de transmitir os seus ensinamentos.”

Há três anos quando eu cheguei ao Faial a figura de Pacheco era do meu desconhecimento. Este texto foi a sua apresentação na minha primeira visita ao CIVC, fazendo-me sentir uma grande curiosidade pela sua história. Não só foi faroleiro, como também foi fotógrafo, músico e pelas estórias que aqui neste texto se contam parece provável que existam fotografias tiradas por ele das quais nunca saberemos a sua autoria, já que foram tiradas com máquinas fotográficas de terceiros.

Pacheco e eu tínhamos portanto, várias coisas em comum e a minha curiosidade por ele crescia à medida que mergulhava nas cinzas.

Quis saber mais, por isso dirigi-me à Biblio-

teca Municipal e ao Arquivo Regional João José de Graça onde consultei várias publicações que existiam sobre o Vulcão dos Capelinhos. A maior parte delas eram de caráter científico e muito viradas para a própria erupção. Achei que faltava informação sobre esta pessoa e não consegui satisfazer a minha sede e curiosidade com o que ali encontrei, assim resolvi fazer um trabalho de investigação sem saber no que isso se viria a tornar uns anos mais tarde. Ao longo do caminho descobri que alguns desses livros estavam parcialmente incorretos e que as informações que neles vinham sobre a vida do Pacheco não eram cento por cento verdadeiras. Os diferenças na informação causavam confusão, contradiziam-se nalguns casos, então resolvi ir às fontes primárias e aos documentos oficiais, tal como ditam as regras jornalísticas.

Segundo informações publicadas pela pró-

Fotografias realizadas pelo T. Pacheco para os Serviços Geológicos de Portugal. Imagens cedidas por José Manuel Medina Garcia.



Tomaz Pacheco da Rosa

Nasceu no Capelo a 22 de Fevereiro de 1923. Foi faroleiro de profissão e exercia a sua função quando rebentou o Vulcão dos Capelinhos, tendo acompanhado toda a sua evolução.

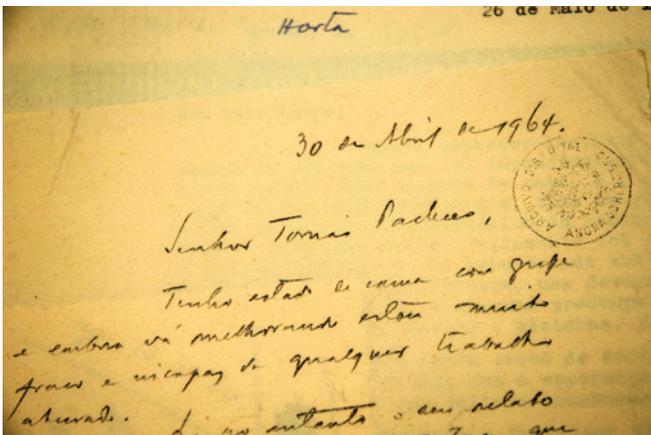
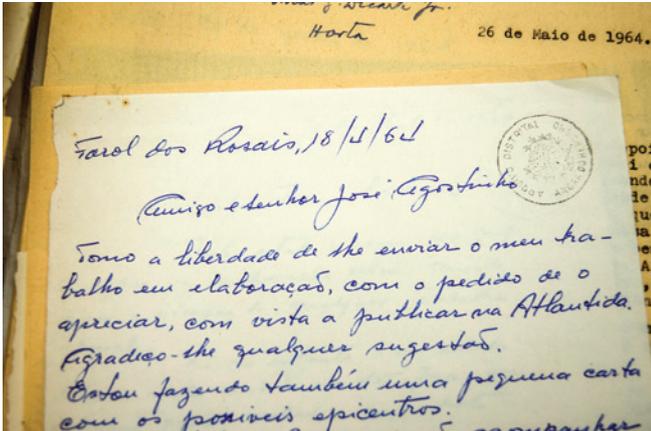
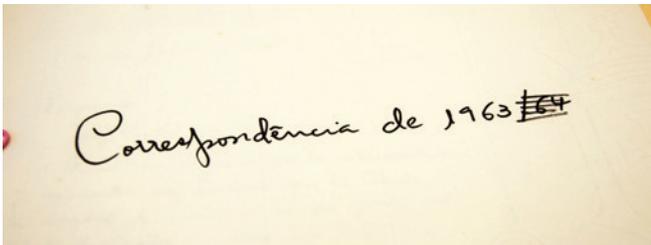
Pela sua acção e coragem foi apelidado de "cientista do vulcão". Enquanto as pessoas aterrorizadas fugiam, permaneceu no seu posto, atento às necessidades de fazer funcionar o sinal. Dizem ter feito uma colher de ferro com um grande cabo para chegar à lava que ia correndo até ao mar e como lembrança do vulcão metia uma moeda na lava incandescente que arrefecia no mar e depois vendia. A pedido de diversos subia à torre do farol com 6/7 máquinas de fotografar ao ombro para retratar o vulcão. Era um autodidacta e desempenhou na freguesia do Capelo um papel importante no campo musical. Foi mestre da Capela da igreja e mestre da Tuna, que foi criada a seguir à erupção do vulcão. Foi ainda regente da Filarmónica Euterpe de Castelo Branco. Tocava vários instrumentos e gostava de transmitir os seus ensinamentos.

Tomaz Pacheco da Rosa was born in Capelo on February 22nd, 1923. He was the lighthouse keeper working at the time the eruption of the Capelinhos Volcano started, allowing him to witness its evolution.

Due to his actions and courage, he was referred to as "the scientist of the volcano". While the terrified crows fled the area, he stood firm in his workplace, aware of the importance of making the light signal work. It is said he made an iron spoon with a long arm to reach the lava that flowed to the sea and placed a coin in the melting lava that cooled off in the sea, selling it later as a memory of the volcano. When asked by many people, he could climb to the tower with six or seven cameras on his shoulder in order to photograph the volcano.

He was a self-taught man and played an important role in the musical field in the village of Capelo. He was the maestro of the church chorus and also of the instrumental music group, shortly created after the eruption. He was also the maestro of the Castelo Branco Euterpe Philharmonic Orchestra. He played several musical instruments and enjoyed passing on his knowledge.

Fotografia e biografia do T. Pacheco no Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos.



Pormenor das correspondências trocadas entre o tenente-coronel e o faroleiro em 1964.

pria junta de freguesia, supostamente baseados nos seus registos, foi entre 1960 e 15 de novembro de 1963 que Tomás Pacheco foi presidente da Junta de Freguesia do Capelo.

As cartas

Em novembro de 2017 fui a Angra do Heroísmo e comecei a procurar informações sobre Tomás Pacheco pela primeira vez fora do Faial. Foi assim que soube que no dia 18 de abril de 1964 Tomás Pacheco da Rosa escreveu uma carta a partir da ilha de São Jorge dirigida ao tenente-coronel José Agostinho, uma carta que teria resposta doze dias depois.

Pelo contexto da comunicação, percebe-se e confirma-se que a erupção dos Capelinhos não foi o único fenómeno vulcânico e sísmico que Pacheco teve que enfrentar, registrar e documentar, pois seis anos mais tarde e com a experiência adquirida nessa primeira erupção, em fevereiro de 1964 a história repetia-se na vizinha ilha de São Jorge, para onde Pacheco tinha sido transferido como faroleiro do Farol da Ponta dos Rosais.

Na correspondência seguinte, encontrada entre as cartas do tenente-coronel arquivadas na Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro em Angra do Heroísmo, o faroleiro

pede conselho e ajuda ao tenente-coronel, em relação a um trabalho prestes a publicar sobre os sismos sentidos em São Jorge.

“Farol dos Rosais, 18/4/64

Amigo e senhor José Agostinho,

Tomo a liberdade de lhe enviar o meu trabalho em elaboração, com o pedido de o apreciar, com vista a publicar na Atlântida. Agradeço-lhe qualquer sugestão.

Estou a fazer também uma pequena carta com os possíveis epicentros. Um(a) 4 fotografias poderão acompanhar este trabalho.

//

Os pequenos abalos continuam fazendo sentir-se, mas pouco frequentes.

Com antecipados agradecimentos,

Subscribo-me atentamente

Tomás Pacheco

PS: Poderá rectificar o que achar conveniente mesmo nos linguagados que lhe envió”

Infelizmente o tenente-coronel Agostinho encontrava-se no momento um pouco debilitado, repondendo de forma breve e concisa:

“30 de Abril de 1964

Senhor Tomás Pacheco,

Tenho estado em cama com gripe e embora vá melhorando estou muito fraco e incapaz de qualquer trabalho aturado.

Li no entanto o seu relato sobre os abalos sentidos em São Jorge, que o senhor pode anotar e cuja lista constitui elemento primordial para o estudo do que se passa.

Devolvo-lhe o trabalho onde apenas acabo de fazer umas anotações a lápis do que me parecem ser lapsos de redação. E nada mais.

Lastimo que as forças não me permitam mais.

Cordiais cumprimentos do

(?)

José Agostinho.”

Não encontrei o tal trabalho de Pacheco nos arquivos da biblioteca, nem os rascunhos trocados entre o tenente-coronel e o faroleiro, nem sequer a tal publicação na Atlântida autoria dele em nenhum dos seus volumes de 1964, apenas aparece uma referência a uma comunicação pessoal do faroleiro no volume VIII, o nº5 correspondente a novembro-dezembro de 1964, num artigo intitulado “A crise sísmica dos Açores de Fevereiro de 1964” onde diz o seguinte: “Foi notado, a 18 de Fevereiro, cheiro sulfuroso, trazido para as Velas por ventos do oeste. As populações da parte central da ilha disseram ter sentido tremor vulcânico durante toda a crise”.

No entanto, uns anos mais tarde, em 1977 foi publicado um artigo na revista “Ciências da Terra”, uma publicação da Faculdade de Ciências de Lisboa e dos Serviços Geológicos de Portugal onde o Tomás Pacheco participa como coautor junto ao Georges Zbyszewski. O artigo refere Pacheco como funcionário do farol dos Rosais na altura da crise e publica o diário do mesmo, com as anotações e dados dos registos que este fez durante esses meses.

No verão de 1965, no decurso de uma viagem em missão geológica à ilha das Flores, Georges Zbyszewski e a sua equipa



Capa do artigo sobre a crise sísmica de São Jorge na revista *Ciências da Terra*.



Entrevista ao T. Pacheco no jornal *O Telégrafo* 1958.

desembarcaram por umas horas na Vila das Velas, dando-lhes a possibilidade de atingir os locais afetados pelos sismos do ano anterior. Foi nessa ocasião que o Tomás Pacheco entregou uma cópia dos seus apontamentos sobre os sismos, autorizando-lhes a publicá-los conforme o seu critério, podendo acrescentar ou tirar aquilo que quisessem. A publicação do diário do Tomás Pacheco sofreu atrasos independentes à vontade do Zbyszewski, um atraso de mais de 10 anos.

No prefácio do artigo afirma-se que no percurso da crise sísmica o Tomás Pacheco manteve-se em contato permanente com o TCor José Agostinho.



Noémia Pacheco segura a fotografia da formação da Tuna do Capelo em 1961



Partitura musical com a caligrafia do T. Pacheco.

A música

A música foi a sua outra paixão e esteve sempre presente ao longo da sua vida. Dizem ter sido autodidata nesse campo, embora pareça que teve algum tipo de formação musical na cidade da Horta na sua juventude.

Foram quatro as ilhas do grupo central em que Tomás habitou ao longo da vida: Faial, Graciosa, São Jorge e Terceira e nas quatro exerceu uma importante atividade musical. Na sua ilha natal foi onde aprendeu e desenvolveu os seus dotes musicais. Foi aí que criou e regeu a Tuna do Capelo e a da Capela da Igreja da mesma freguesia após a erupção dos Capelinhos, fazendo destes grupos uma ferramenta social de união da população da freguesia e dos arredores, que tinham decidido ficar na ilha e não emigrar como fez grande parte da população. As suas interpretações musicais com a tuna já foram transmitidas em rádios regionais.

Foi regente de quatro filarmónicas em três das ilhas onde viveu: a Euterpe de Castelo Branco no Faial, a Lusitânia das Velas, a de Santo Amaro também em São Jorge e finalmente a Fanfarra Operária na ilha Terceira.

Também fez parte essencial de dois conjuntos musicais, um em São Jorge e outro na Graciosa, conjuntos que curiosamente eram chamados com nomes parecidos: “As feras do ritmo” e “Selvagens do ritmo”.

Transcrevia e arranjava peças musicais de outros autores e partituras, sabia afinar pianos e tocava vários instrumentos, desde o violoncelo até ao piano, saxofone, baixo, viola e bandolim.



Uma vida que treme

A história de vida de Pacheco, vista em perspectiva, foi uma vida cheia de emoções e com muitos altos e baixos. A terra tremia aos seus pés e a sua vida também. Enquanto tudo isto acontecia ocorriam fortes mudanças na sua vida familiar, laboral e pessoal. A música e a fotografia viram-se afetadas pelas consequências dos fenómenos sísmicos e vulcânicos e, com o passar do tempo, desapareceram muitas das fotografias que o autor foi tirando ao longo da sua vida e também as várias partituras que tinha arranjado e tocado nas diferentes formações musicais de que fez parte.

Infelizmente, vários fatores ao longo dos anos influenciaram na inapropriada conservação e até desaparecimento de alguns dos documentos e objetos pessoais do Pacheco: a humidade estragou imagens e documentos em papel; as mudanças de local dele e dos familiares que ficaram com o seu legado, nas idas e vindas de umas ilhas para outras; os diferentes sísmicos que foram atingindo o grupo central nas últimas décadas e até o incêndio que em 2003 que atingiu a sede da filarmónica Fanfarra Operária Gago Coutinho e Sacadura Cabral destruindo fotografias e partituras.

Ainda assim ficaram registradas algumas imagens para memória futura em coleções privadas e em arquivos pessoais de familiares. Outras referentes aos Capelinhos aparecem nos arquivos da RTP e em reportagens sobre esta erupção. Também podemos ver a coleção de rochas e bombas vulcânicas que o Pacheco recolheu ao longo da erupção dos Capelinhos, assim como uma parte da farda de faroleiro dos Capelinhos que uma das suas filhas ce-deu ao centro de interpretação.

Sobre o sismo de 1964 na ilha de São Jorge, podemos encontrar relatórios, referências e até documentos oficiais de agradecimento pela sua ajuda no Arquivo Histórico da Marinha Portuguesa e também no Arquivo Histórico Municipal João Gabriel de Ávila, nas Velas, mas infelizmente não existem imagens dessa altura, ou pelo menos não consegui ainda chegar a elas embora as testemunhas que entrevistei ao longo destes anos se lembrem dele sempre com a câmara ao pescoço e a tirar fotografias.

Na Terceira

Chegou à ilha Terceira por volta de 1968 e fê-lo com o objetivo de criar o seu próprio negócio, mas também com a vontade de descansar destes altos e baixos, e de viver calmamente com estabilidade económica, social e emocional.

Uma vez assente, a vida foi avançando e formando uma certa rotina, mas os “abalos de terra” continuaram a chegar inesperadamente à região e mais uma vez os esforços e o trabalho de Pacheco durante muitos anos mais uma vez tremeram, os ânimos ficaram mais baixos e as forças para começar de novo mais uma vez fraquejavam.

Chegados a este ponto e depois do sismo do 1 de janeiro de 1980, com a destruição da loja Rosarte na Rua do Galo e da casa onde morava, e com elas de muitos objetos de grande valor pessoal e profissional, Pacheco decidiu aposentar-se. Deixou a gestão da loja ao seu afillhado e focou os seus esforços na construção duma casa de férias nos Biscoitos, com a provável ideia de viver de forma descansada neste recanto da ilha, talvez ir à pesca, fazer uns passeios e até voltar a ter tempo para a fotografia, atividade que parece que continuou a praticar sempre de forma amadora.

Pacheco chegou a ser considerado o herói do povo por alguns. Foi um homem que, pelo seu caráter, valentia e ousadia em situações e momentos de crise e grande dificuldade, converteu-se, sem propósito prévio, numa figura admirada e respeitada pela população que o conheceu e que o tratou com proximidade, ora como faroleiro, ora como conhecedor de fenómenos sísmicos e vulcânicos, como músico, como fotógrafo e ainda como gerente da sua própria loja e negócio.

Tantas vezes esteve tão perto do epicentro, tantas experiências únicas vi-

vidas ao longo da vida e um dia, inesperadamente, a vida chega ao seu fim. Pacheco tinha apenas 59 anos de idade quando faleceu em 1982. O vulcão fez 60 entre 2017 e 2018. A sua morte chegou antes do esperado, um acidente de viatura levou-o a ele e à sua esposa a 13 de maio.

Nunca vamos saber o que Tomás Pacheco pensava sobre esse pedaço de terra que viu nascer com os seus próprios olhos no meio do Atlântico, mas pelas conversas que tive ao longo destes anos com familiares e conhecidos do faroleiro, aquele pedaço de terra e a sua história foram sempre objeto das suas preocupações e pensamentos. Capelinhos é um sítio muito visitado, fotografado e venerado atualmente pelos turistas e residentes da ilha do Faial, mas que durante muitos anos era visto com olhar negativo, um lugar associado à perda, à partida, ao abandono. O seu aparecimento fez com que muitos faialenses tivessem que emigrar, ficando sem casa, sem campos para cultivo ou criação de gado, tendo de começar a vida do zero no outro lado do oceano, coisa que nessa altura não era fácil e que exigiu o envolvimento do governo dos Estados Unidos através da *Azorean Refugee Act*.

Nunca vamos saber qual seria a opinião de Pacheco sobre como se conta e como é vista hoje em dia a história do vulcão. Não sabemos como é que ele teria participado da criação do CIVC se tivesse estado presente, sobre as coleções de rochas que se expõem nas prateleiras junto do seu rosto, sobre as fotografias que passam no ecrã da entrada, sobre a história que se conta ao público, sobre a moeda colada na lava e sobre este texto biográfico que o imortaliza como o “Cientista do vulcão”.

CORREÇÃO DO TEXTO DE
SUSANA MEIRINHO E JOÃO FRAGA.

AGRADECIMENTOS:

Noémia Pacheco
Lusa Pacheco
José António Martins Goulart
Mário Correia
José Manuel Medina Garcia
Carlos Lobão
Mark Marques
Os Montanheiros
Paula Rodas
Pedro Nunes
Duarte Martos
Francisco Martos
Acácio Cabeceiras
Salomé Meneses

A todos aqueles que ajudaram
e continuam a ajudar nesta
investigação.